

EDITORIAL: PERSPETIVAS E OLHARES SOBRE PROBLEMÁTICAS EDUCATIVAS NO ÂMBITO DA INTERVENÇÃO PRECOCE E EDUCAÇÃO ESPECIAL

Sónia Raquel Seixas

Escola Superior de Educação de Santarém
sonia.seixas@ese.ipsantarem.pt

Isabel Piscalho

Escola Superior de Educação de Santarém
isabel.piscalho@ese.ipsantarem.pt

O presente número temático “Perspetivas e Olhares sobre Problemáticas Educativas no âmbito da Intervenção Precoce e Educação Especial” inclui 8 artigos que integram uma linha de investigação da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Santarém.

A grande maioria dos artigos que aqui se encontram foram realizados no âmbito dos trabalhos finais das Pós-Graduação e Formação Especializada, da Escola Superior de Educação, em Intervenção Precoce na Infância e Necessidades Educativas Especiais no domínio Cognitivo-motor e versam sobre problemáticas diversas, seja ao nível da intervenção dos/as próprios/as técnicos/as, passando pelas questões da referenciação, da ética e do trabalho em articulação com as famílias. Neste caso, destacam-se artigos cujas problemáticas reportam à cegueira, outros que se debruçam, de forma mais genérica, sobre alunos/as com NEE, sendo vários os saberes que norteiam alguns destes artigos, designadamente a psicanálise, a ética, as TIC e a pedagogia.

Relativamente aos sujeitos alvo de estudo, recorreram-se a amostras muito diversificadas, constituídas por crianças, pais, educadores, docentes e outros técnicos. Quanto à metodologia, foram distintas as escolhas, desde estudos quantitativos e qualitativos, estudos de caso, análise documental, recurso a ecomapas, entre outros.

Tendo em consideração a diversidade de opções metodológicas tomadas, os diferentes objetivos, assim como as diversas amostras utilizadas, a pertinência e qualidade do conhecimento aqui produzido em muito pode contribuir para o

enriquecimento pessoal e profissional, constituir exemplos de boas práticas e inspirar novos estudos.

O artigo de Maria Teresa Sá remete-nos para a importância dos inícios, para a qualidade das primeiras relações humanas e para o processo de humanização enquanto construção dialética entre as estruturas iniciais e necessidades do bebé e a qualidade da responsividade dos *primeiros Outros*. Numa perspetiva psicanalítica, são realçadas algumas dimensões como a sensibilidade, ajustamento e ressonância afetiva, continuidade e reflexividade, na díade pais-bebé, como promotoras de um envolvimento favorável ao desenvolvimento do bebé.

A humanidade enquanto dimensão ética e afetiva a considerar no profissional de Intervenção Precoce, foi o tema abordado no artigo de Ana Milheirinho e de Sónia Seixas. No âmbito de uma recolha de dados junto de educadores/docentes de Educação Especial em Intervenção Precoce foram valorizadas as capacidades de escuta, a disponibilidade, a empatia e a credibilidade, como fundamentais no profissional de Intervenção Precoce.

No estudo de Patrícia Mendes e Sónia Seixas, intitulado “Referenciação numa ELI: estudo de caso”, as autoras procuraram analisar as referenciações de uma Equipa Local de Intervenção, com o principal intuito de identificar necessidades de ajustamento e/ou melhoramento de práticas no processo de referenciação. Tendo por base a ELI de Pombal, Ansião e Alvaiázare, obteve-se neste trabalho um conhecimento mais aprofundado acerca das idades, concelhos, entidades referenciadoras e critérios de elegibilidade das referenciações rececionadas pela equipa. Constatou-se alguma falta de informação da comunidade geral sobre o serviço de IP, assim como uma discrepância das referenciações dos concelhos abrangidos pela ELI, nomeadamente uma referenciação tardia das crianças a este serviço.

O artigo que se segue, da autoria de Sandra Rafael e Isabel Piscalho, procurou, através de um estudo de caso, debruçar-se e conhecer alguns impactos decorrentes da implementação de medidas de apoio e/ou preventivas e reabilitativas resultantes da operacionalização dos pressupostos legais do SNIPI e do seu evidente esforço em harmonizar as práticas. Os resultados foram obtidos através de duas entrevistas a dois coordenadores de duas equipas locais de Intervenção Precoce na Infância, em dois contextos geográficos diferentes. No geral, constatou-se uma uniformidade na concetualização do modelo de intervenção, mas algumas diferenças na operacionalização de algumas práticas entre as equipas locais em estudo.



O artigo “Para a inclusão de alunos em idades pediátricas com NEE do domínio cognitivo-motor temporárias e permanentes”, da autoria de Sónia Galinha, evidencia os benefícios das respostas educativas adequadas às crianças e jovens com necessidades educativas especiais, quer temporárias, quer permanentes, em especial no domínio cognitivo-motor, na ligação sistémica escola-família-comunidade.

Helena Sousa e Isabel Piscalho procuraram, no artigo intitulado “Contributos da Intervenção Precoce na rede de apoio à criança com cegueira”, salientar as graves implicações das limitações visuais no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças com cegueira assim como a necessidade de mobilização de serviços e recursos diversificados da comunidade. Nesse sentido, foi realizada uma investigação qualitativa, com recurso à observação participante, com o intuito de conhecer a perspetiva dos pais sobre os contributos da IP na sua rede de apoio formal e informal. Recorreu-se à realização de entrevistas semiestruturadas às famílias de duas crianças com Amaurose Congénita de Leber, sendo ainda desenhados ecomapas ilustrativos das suas redes de apoio. Os resultados evidenciam preocupações e insegurança relativas ao futuro dos filhos e, ainda, uma diferenciação entre pais e mães na forma como foram perspetivadas as redes de apoio, o tipo de relações estabelecidas e o envolvimento na educação e crescimento dos filhos.

Cristina Novo apresenta-nos um artigo intitulado “TIC na formação de profissionais na área da educação especial e intervenção precoce: dinâmicas e partilhas”, onde procurou expor o modelo de trabalho e avaliação seguido em duas unidades curriculares de TIC em dois cursos de educação inclusiva, mostrando algumas evidências dos resultados deste percurso por parte de um conjunto de formandos e formandas.

Finalmente, Fabiana Cunha e Marta Uva, debruçaram-se sobre a aprendizagem cooperativa enquanto metodologia facilitadora do desenvolvimento de atitudes e competências cooperativas nas crianças. No seu artigo intitulado “A aprendizagem cooperativa: perspetiva de docentes e crianças”, descrevem um estudo de natureza qualitativo onde, numa amostra constituída por crianças, educadores e professores do 1.º CEB, procuraram caracterizar as perspetivas acerca da aprendizagem cooperativa. Entre os resultados obtidos, a relevância da aprendizagem cooperativa aparece intimamente ligada às questões da resolução de conflitos e desenvolvimento emocional das crianças.



Estamos certas que muitas das questões formuladas nestas diferentes investigações e respetivos dados obtidos, em muito poderão contribuir para o nosso enriquecimento e, até mesmo, para inspirar e incentivar novos estudos. Ficaremos a aguardar com elevada expectativa os resultados dessa eventual inspiração...

Boa(s) leitura(s).

As organizadoras do número,

Sónia Seixas e Isabel Piscalho